

À boca, às vezes, o louvor escapa e o pranto aos olhos; mas louvor e pranto mentem; tapa o louvor a inveja, enquanto o pranto a vesga hipocrisia tapa.

Do louvor, com que espanto, sob a capa vejo tanta dobrez, ludíbrio tanto! e o pranto em olhos vejo, com que espanto, que escarnecem dos mais, rindo à socapa! Por que, desde que esse ódio atroz me veio, só traíções vejo em cada olhar venusto? Perfídias só em cada humano seio?

Acaso as almas poderei sem custo ver, perspicuo e melhor, só quando odeio? E é preciso odiar para ser justo?

Raimundo Correia, O misantropo;

Espírito flexível e elegante, ágil, lascivo, plástico, difuso, entre as coisas humanas me conduzo como um destro ginasta diletante.

Comigo mesmo, único e confuso, minha vida é um sofisma espiralante; teço lógicas tréfeças e abuso do equilíbrio na Dúvida fluante.

Bailarino dos círculos viciosos, faço jogos sutis de ideias no ar entre saltos brilhantes e mortais, com a mesma petulância singular dos grandes acrobatas audaciosos e dos malabaristas de punhais.

Raul de Leoni, Mefisto.

Quando nada mais resistir que valha a pena de viver e a dor de amar e quando nada mais interessar (nem o torpor do sono que se espalha).

Quando, pelo desuso da navalha a barba livremente caminhar e até Deus em silêncio se afastar deixando-te sozinho na batalha e arquetivar na sombra a despedida do mundo que te foi contraditório lembra-te que afinal te resta a vida com tudo que é solvente e provisório. e de que ainda tens uma saída: entrar no acaso e amar o transitório.

Carlos Pena Filho, A solidão e sua porta.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIX, Nº 10 – 2015 OUTUBRO

Assinatura até 31.12.16: 14 selos postais de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,95).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

Assim, os componentes de nossa substância existem perpetuamente, coevos com o universo, feitos nas estrelas e numa dança infundável com outros elementos, constituídos e reconstituídos ao longo de todos os tempos pelas leis da natureza. Cessamos o que somos agora, mas o que somos nunca cessa. Somos parte do todo, desde sempre e para sempre. A história não pode nos remover dos anais, assim como a natureza não pode

A. C. Grayling, O bem, Cap 1: 21 a 25; 2, e 3, 1 de O Bom Livro – Uma bíblia laica; Objetiva, 2011.

Grandes sonetos da nossa língua, selecionado e organizado por José Lino Grúnwald, Editora Nova Fronteira, 1988.

Quando eu morrer, solidão, quero chuva no jardim, para sentir a ilusão de alguém chorando por mim!

Aprygio Nogueira, 0710 Trovareleg Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Insisto em que não desistas jamais das glórias que queiras: antes das grandes conquistas erquem-se as grandes barreiras!

Josafá Sobreira da Silva, 1010 Trovia alkaulu77@gmail.com; visite: www.falandodetrova.com.br

Dos absurdos dou risada mas às vezes me confundo... quem merece não ter nada sonha ser dono do mundo.

Nato Azevedo, 0910 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

Nossa própria consciência, nos mostra com nitidez, no legado da existência, todo valor da honradez.

Regina Célia de Andrade, 0910 Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Ao vir de fogo recua gritando, após a topada: – Que faz um poste na rua, às duas da madrugada?!

Therezinha Diegues Brisolla, 0710 Fanal: R. Álvares Machado 22, 2º 01501-030 – São Paulo/SP

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haikus assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti**: O haiku é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!



FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!



Até o dia **30.11.15**, quigos Café verde, Cigarra, Dália, Flamboiã, Hortência, Jasmim, Natal, Toró, Trovoada.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo/SP

ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haiku tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haiku do que um erudito, Bashô queria *recuperar* seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexo e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hoku inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em **SF9810, Seleções em Folha OUT/98.**

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE PRIM



AVERA (QUIDAI)



Pairando no ar beija-flor chega ao alvo um botão de rosa.

Alba Christina

Cai forte granizo atapetando alamedas com flores de ipê.

Amália Marie Gerda

A pipa vai alta bamboleando no céu. Crianças sorrindo.

Angelica Villela Santos

Tarefas em dupla nos voos dos bem-te-vis o ninho à vista.

Dorotéa Iantas Miskalo

Algumas pipas cobrem o céu. Cores vivas.

Eduardo Zá

Criança contempla um cardume de girinos na beira do rio.

Renata Paccola

A pipa subindo e o garotinho esperando final do torneio.

Alba Christina

Gente nas janelas. Saraivada de granizo; plena primavera.

Angela Andrade

A rã vai saltando para pegar o bichinho que é o seu almoço.

Angelica Villela Santos

No vasto pomar os frutos de agora há pouco o ipê em flor.

Dorotéa Iantas Miskalo

Bem-te-vi pousou no galho da amendoeira. Canto alegre

Honorina Fonseca Louseiro

Névoa da manhã embaça o vidro do carro. Motorista atento.

Renata Paccola

Sapos coaxando e o brejo comemorando o baile das rãs.

Alba Christina

Névoa na cidade. O ruço das serras do Rio desceu para cá.

Angela Andrade

Nas manhãs de outubro, só paisagens douradas: ipês amarelos.

Antonio Cabral

Sob o azul do céu destaca-se o amarelo do ipê em flor.

Dorotéa Iantas Miskalo

Ondulantes caudas de girinos, vão à margem. Pedagos de pão.

Manoel Fernandez

Suspensão no ar, o beija-flor bate as asas em frente a uma rosa.

Roberto Resende Vilela

Na água transparente, o girino, enlouquecido, procura caminhos...

Amália Marie Gerda

Luar nas folhagens dos igarapés à noite. Coaxar de rãs.

Angela Andrade

Desgraças do campo: secas, insetos, granizo: novenas agrícolas

Antonio Cabral

Chuva de pedras. Congelado, o granizo cai sobre as telhas.

Eduardo Zá

Plana a ave sobre o pântano. Coaxar de rãs.

Manoel Fernandez

Enxame de abelhas dando voltas sobre o bosque. Ipê amarelo.

Roberto Resende Vilela

Roda o catavento, entre as mãos do garotinho, ao sabor do vento.

Amália Marie Gerda

Voa sobre as flores o mimoso beija-flor. Um cenário belo

Angelica Villela Santos

Na beira do lago, girinos e meninada: nuvens de bebês.

Antonio Cabral

Na paisagem destaca-se uma árvore, o ipê.

Eduardo Zá

Casa da fazenda. De repente, um beija-flor invade a cozinha.

Renata Paccola

Barulho no poço. Sob os círculos concêntricos a rã fuge às pressas.

Roberto Resende Vilela

DILMA NÃO É JANGO

Marcelo Rubens Paiva, O Estado de São Paulo 12.09.15, Caderno 2 C10.

Dilma não é Jango. O primeiro foi deposto pela mira de canhões por um golpe de Estado. A segunda pode ser deposta por instituições democráticas que seu poder sustenta: ações do Superior Tribunal Eleitoral e do Tribunal de Contas da União, que justificariam um pedido de impeachment ao Congresso. Tropas e tanques dispensados. Poder Legislativo e Judiciário, com a imposição do Executivo, a destronariam. Sua baixa popularidade é uma aliada que cria rachas por todo lado. Num infeliz (ou bem calculado) comentário, Michel Temer, vice-presidente, lembra Francis Underwood, protagonista de *House of card*, que colabora para enfraquecer a presidência.

Dilma deve saber, porque até eu sei por conversas aqui e ali com fontes bem informadas e boêmias: Temer nega a intriga, mas passou agosto visitando empresas de comunicações e federações empresariais, apresentando suas credenciais; o PSDB já prometeu a primeira valse; o segundo escalão do TCU, o técnico, ameaça um motim caso o primeiro escalão, o político, não condene as contas de Dilma, como manda a cartilha.

Gilmar Mendes, do STF e TSE, já partiu para a grosseria ao classificar o arquivamento do pedido de investigação da campanha de Dilma, do procurador geral da República, Rodrigo Janot, como "ridículo", que "vai de infantil a pueril". Janot voltou atrás e aceitou

a denúncia.

O racha no Brasil de Jango era parte de um complot da guerra fria. A ameaça comunista, as Reformas de Base, que tocavam em pontos sensíveis do capitalismo, como reforma agrária e controle de remessa de lucros, a radicalização do discurso e motins de soldados e marinheiros uniram partidos da oposição, a Igreja, órgãos de imprensa, políticos populares e as Forças Armadas, que já tinham tentado um golpe anos antes para impedir a posse de Juscelino.

Em pesquisa secreta do Ibope, feita na véspera do movimento militar de 1964 em três cidades paulistas (São Paulo, Araraquara e Avai), encomendada pela Federação do

Comércio do Estado de São Paulo, diferentemente de Dilma, Jango tinha apoio popular: 45% consideravam seu governo ótimo ou bom, 24% regular, e 16% mau ou péssimo.

Noutra pesquisa de eleitores de oito capitais, feita em março de 64 pelo Ibope e também engavetada, descoberta recentemente em arquivo da Unicamp, 49,8% admitiam votar em Jango se ele pudesse se candidatar à reeleição, o que não era permitido pela Constituição em vigor.

Márcia Cavallari, diretora do Ibope, disse que os critérios aplicados na pesquisa da década de 60 são semelhantes às recentes, como a encomendada pela CNI (Confedera-

ção Nacional da Indústria) e divulgada em julho, que apontou que a avaliação do governo Dilma é de apenas 9% como óti-

República brasileira raramente vê um presidente cumprir o prazo designado pelo voto

mo ou bom, 21% regular, e 68% ruim ou péssimo.

Se Jango tinha 45% de aprovação, Dilma tem 9%. Mas a inflação de Jango era aterrorizante: chegou a 23% no primeiro trimestre de 1963, e a variação em 12 meses acelerou de 45,6% em dezembro de 1962 para 69,9% em março de 1963.

A crise política com o mercado externo e FMI detonou o Plano Trienal de Jango. A inflação chegou em 1963 encostando em 80%, bem pior que a de Dilma. Mas a taxa de crescimento do PIB era um pouco melhor: caiu de 6,6% em 1962 para 0,6% em 1963.

Jango e o seu PTB foram depostos em horas., com o racha de base aliada, o PSD. Dilma e o PT vêm a base aliada rachar, mas sem ameaça de intervenção militar e a menor possibilidade de um golpe de Estado, já que as instituições democráticas estão preservadas, oposição envolvida nos mesmos escândalos de corrupção, que provam a falência do sistema partidário e das regras políticas em vigor.

Um paradoxo interessante explica o Golpe de 1964. A popularidade de Jango teria sido decisiva para sua deposição pela força, já que as frentes políticas adversárias não se sentiam encorajadas: em outra pesquisa engavetada pelo Ibope, 59% dos entrevistados eram a favor das medidas anunciadas em 13 de março de 64 no comício da Central do Brasil por Jango, as que desencadearam o golpe.

Porém, os movimentos sociais pouco fizeram para impedir o desmantelamento do governo. Uma Greve Geral convocada pelas

Centrais Sindicais e pela UNE em 1º de abril atrapalhou mais do que ajudou. Tropas marcharam sem encontrar resistência, o que surpreendeu o próprio governo deposto.

É impensável calcular como os movimentos sociais ligados ao PT e partidos de esquerda, movimentos sindicais, CUT, sem-teto e sem-terra, mercado externo, acionistas, EUA, FMI, ONU, OEA, Mercosul reagiriam no caso de um impeachment, sintoma da instabilidade da República brasileira, que raramente vê um presidente cumprir o prazo designado pelo voto.

Deodoro da Fonseca ficou dois anos e foi forçado a renunciar na Revolta da Armada, depois de destruir o Legislativo. Floriano e Afonso Pena, que morreu antes de completar o mandato, ficaram só três anos. Rodrigo Alves, como Tancredo Neves, morreu antes de tomar posse.

Washington Luís foi deposto pela Revolução de 1930, e seu sucessor eleito, Júlio Prestes, não tomou posse. Dutra ficou cinco

anos, como Sarney. Getúlio entrou para a história e deu um tiro no peito. Café Filho foi afastado por motivo de saúde e ficou um ano. Carlos Luz, seu sucessor, foi deposto, e JK assumiu antes.

Jânio Quadros viu forças ocultas e renunciou dois anos depois de ter sido eleito. Jango foi deposto, Collor, impedido, FHC era para ficar quatro anos, ficou oito. E Dilma...

Cumpra a sina da maldição presidencial do nosso doente processo representativo. E já tentamos de tudo: mandato de quatro anos, de cinco, de quatro com reeleição, vice eleito de outra chapa, junta militar provisória, parlamentarismo (em dois plebiscitos rejeitados, até monarquia, ironicamente, o governo mais estável da nossa história

Muita gente festejará a queda de Dilma, como uma vitória da democracia. Mas deveria lamentar o nosso fracasso de projeto republicano.

Quem vai acreditar em incêndios espontâneos na floresta? Eu souro as minhas dúvidas, porque, sem sair do lugar, levantando apenas os olhos para a janela, vejo essa "espontaneidade" manifestar-se ao mesmo tempo em vários pontos da mata que reveste - ou revestia - este grande bloco de pedra que é o morro de Dona Marta. Levanto os olhos por que ouço o crepitar do fogo: e as labaredas já correm por todos os lados, envolvem as árvores com suas fitas vermelhas e amarelas; depois, já não são fitas, mas grandes sudários brilhantes que incham ao vento, palpitam, dilatam-se, rompem-se, atiram-se a outros níveis, correm pelas ervas baixas, vão mais longe e mais longe, levantando nuvens negras que o vento dispersa. As cinzas vêm cair em pedaços na minha varanda. A passerada, sonora de medo, trêmula e sussurrante, procura outras árvores, que não estejam a arder.

E como este fogo anda em volta dos

arranha-céus que já foram instalados onde antes a mata verdejava, alguém chama às pressas os bombeiros, e já se ouve a sirena diligente dos carros vermelhos que trazem os bravos soldados. Hoje eu estou pessimista, e acho que, só pelas árvores, ninguém os chamaria. Chamam-nos pelo medo de terem suas moradias queimadas. Oh! Deus, esta humanidade está ficando por demais interessada e insensível!

Então, chegam os bravos soldados do fogo, e que podem fazer? Por onde é que vão subir, se o incêndio se alastra pela encosta, vai cada vez mais longe e mais alto e mai vivo, até esbarrar com a parte escavada do grande morro? Os bravos soldados olham de longe para esse espetáculo que se repete constantemente. Dentro das transparentes chamas rubras, os pobres arbustos e as belas árvores aparecem como criaturas humanas em sofrimento; já vão perdendo as folhas, já se vão reduzindo a delgados esqueletos negros. Há pouco

eram formas vivas, pousada de pássaros, alegria do vento. E ali estão, sem possível fuga, presas à terra, castigadas pelo incêndio que as devora.

Pergunto-me onde estão as lindas professorinhas que não conversam com seus alunos sobre florestas, chuvas, erosões, ainda que não fosse senão pelo interesse de garantir água aos torneiros de suas casas. Já não me atrevo a pensar em paisagens, belezas naturais, amor por essas criaturas vegetais, repletas de maravilhas e de misteriosos silêncios. Se as crianças amassem as árvores (não se limitassem a plantar alguma pela Primavera, em doce e melancólica rotina), se os homens tivessem respeito por esse mundo que os cerca sem que eles o procurem entender, não haveria a cada instante este clamor de sirenas, estas mangueiras desenroladas, esta fadiga dos bravos soldados a lutarem com suas machadinhas, nessas picadas que conduzem

ao fogo, à devastação, à morte.

Em redor deste vale, tudo era virente e feliz. Agora, estou vendo a sucessão de estragos: grandes manchas amarelas que assinalam lugares de outros incêndios. Deixa-se passar algum tempo, e nesses lugares começam a aparecer construções, arranha-céus inacessíveis, habitações agarradas à rocha, onde deviam estar as belas árvores enormes, tragadas pelo fogo clandestino.

Hoje eu estou mesmo pessimista. Parece-me que os homens estão ficando piores todos os dias. Talvez não seja só por estes incêndios: eles, porém, são de algum modo simbólicos. Os homens estão voltando à brutalidade e à selvageria. Esta vocação de incendiários deixa-me perplexa. Pensando bem, pergunto-me se a criatura humana, hoje em dia, vale uma árvore. Estou muito pessimista.

Cecília Meireles (impresso sem fonte de edição), Floresta incendiada; gentileza de Nato Azevedo, em 13.07.2006.

Se no firmamento pudesse ir e para a terra novamente vir. A beleza do céu estonteante, te entregaria num instante!

Eu só queria teus olhos encontrar, e do céu ver teu lindo olhar. Da imensa beleza da natureza, te daria uma estrela com certeza! Teus olhos são como abobada celeste, teu olhar é como uma folha de cipreste. Encontraria teu olhar na imensidão e o colocaria dentro do meu coração!

O nosso amor é sonho interestelar, marcado para sempre num lindo altar. Do céu olharíamos a terra toda estrela e fixariam o olhar eternamente para vê-la

Adriano Augusto da Costa Filho,
As estrelas do céu.
adrianhocosta@terra.com.br

Tem gente que não crê nunca em seus sonhos, pensando que sonhar é uma utopia, não permite, jamais, dias risonhos, esquece que o viver melhor seria...

A arte da vida, em si, é fantasia, trocando, assim, empenhos miú tristonhos, todos os devaneios de alegria, dando campo e trabalho enfadonhos...

Na busca dos seus sonhos ideais, nunca deixar de lado o coração, os direitos de amar são surreais... Um sonho realizado é a emoção,

não tolhe os sentimentais cordiais, e o caminhar concreto de razão!...

Cynthia Theodoro Porto,
Em busca dos sonhos (Soneto futurista)
cynthiatheodoro@gmail.com

Mãe palavra pequenina,
que encerra tanta saudade
para alguém que ainda menina
ficou na triste orfandade.

Gauchita (Diva F. S. Zanini)

Um mês antes, minha sobrinha me convidou para participar das festividades de fim de anos da firma que ela trabalhava.

No dia e hora marcada, cheguei. Os ônibus já estavam saindo e logo me acomodei em um deles, só que não vi minha sobrinha, pensei que ela deveria ter ido ao outro ônibus.

A viagem estava indo pela estrada dos Trabalhadores, quando uma senhora me perguntou qual a agência que eu trabalhava. Espantei-me com aquela pergunta e prontamente respondi:

- Minha sobrinha é funcionária do CRC (Conselho Regional dos Contabilistas).

Nisso então, eu descobri que o pessoal que estava ali, era da agência da CNCB (Nossa Caixa/Nosso Banco) e somente eu estava no ônibus errado; não era do CRC...

Fiquei preocupada, mas as pessoas me acalmaram e disseram que seria melhor eu

aproveitar o passeio, pois eu não tinha como me comunicar com minha sobrinha, - isso aconteceu no ano de 1970 mais ou menos - e foi o que eu fiz. Aproveitei o passeio.

Tudo era convidativo; sítio rodeado de flores, piscina, fartura de tudo, churrascos, refrigerantes, tudo muito bem servido. Apareceu até um violeiro para animar a festa.

Quando o primeiro ônibus voltou, retornei e ao chegar em casa, minha sobrinha estava emburrada, não tinha ido ao passeio, pensando que eu tivesse ficado doente.

E eu toda feliz, tinha passado um dia maravilhoso, tudo por culpa do engano inesperado, porém maravilhoso!

Dulce França,
Um engano inesperado (Maravilhoso)

No castanho dos seus olhos eu reparo e meu pensamento vai aonde a vista não alcança me deparo na lembrança dos tempos, quando pirulito de açúcar enfeitava o tabuleiro da infância.

Ana Pontes (Francisca Ana Pontes Mariano)
Castanho

Lá vem a primavera perfumada e florida. É minha estação preferida. Vem curar a ferida das folhas de outono,

do frio de inverno.

Chega jovem e elegante, feacira e saltitante, encantadora e radiante.

Traz para as artes, a essência; para o lazer, a vivência; para o amor, a influência.

Anuncia o verão, trazendo ao coração, a certeza de mais uma estação.

Ida Sizue Miyagusuku, Estação presente.

És bela, sincera e charmosa, dengosa instigante, amante minha joia rara, cúmplice, partícipe, simplesmente Sara! mãe, mulher, menina

Marco Bahia (Marco Antônio Coelho Piahuy),
Sarinha - marco-bahia63@hotmail.com

No despertar da nova Aurora sob a luz do raiar do sol procuro enxergar no horizonte deslumbrando o tempo percorrido busco na criação o saber do universo

sabedoria da simplicidade do ser onde sonhar e realizar andam juntos

Procuro perguntas e respostas olho para o céu e para dentro de mim tenho medo de sonhar e acordar.

Marcos Ferreira dos Santos, Despertar
mcfersan@bol.com.br

Operários das letras, Antologia poética, Volume I, Organização Odila Placência: Odilaplacencia.blogspot.com, 2015, Expressão e Arte Editora www.expressoarteeditora.com.br

eliminar as partículas de nosso ser de seu esquema. Somos parte, perpétua e indelével, do que está escrito nos registros da natureza e da história humana, seja qual for nosso papel ou lugar. Por ora, temos essa forma e a consciência de possuí-la, sejamos então dignos dela. É com a morte de outrem que vem nosso mais profundo pesar,

nossa maior perda. Do ponto de vista de nossas vidas breves e localizadas, não vemos a perda apenas como mudança ou retorno; ela nos fere com o ferro da dor. Viver é ter um contrato com a perda. O passado nos escapa e leva o que valorizávamos; alguns dos entes que amamos certamente morrerão antes de nós e os prantearemos. Para

isso é preciso termos coragem; a necessidade é dura e devemos aceitar e suportar o que é inevitável e inescapável. Até aqui o homem inquieto tem razão e as verdades que reitera realmente são verdades. Mas mesmo a dor cede e aqueles que pranteamos, se pudessem falar, diriam que não querem que pranteemos para sempre, mas

gostariam que lembrássemos o melhor deles e voltássemos nossos pensamentos para a vida e para o bem. Mais lhes prestamos homenagem e acalentamos sua memória ao obedecer à injunção de viver e buscar o bem que permanece. É isso que dá valor a relembrarmos o melhor de nossos tempos, pois assim conhecemos a face do bem.